

3 Adolescência

O significado etimológico da palavra “adolescência” condiz com o processo vivido nesta etapa da vida, já que vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), referindo-se, portanto, ao processo de crescimento do indivíduo. O termo deriva também de *adolescere*, origem da palavra adoecer, fazendo com que estes significados indiquem a condição de crescimento físico e psíquico, que ocorre como um adoecimento, ou seja, com sofrimentos emocionais e transformações biológicas e mentais (Outeiral, 2003).

Antes do século XX, considerava-se que o indivíduo passava diretamente da infância para a idade adulta, sendo que havia apenas os termos “juventude” ou “puberdade”, que correspondiam apenas às transformações físicas, não havendo referências ao emocional. O conceito de adolescência é, portanto, bastante recente, datando do período entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da segunda, ou seja, entre 1918 e 1939. Assim, este período foi por muito tempo considerado como uma mera transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por mudanças corporais definitivas. Atualmente, no entanto, esta fase da vida é considerada como uma etapa em si mesmo, e não um “caminho” entre duas outras, possuindo, desta forma, uma série de características peculiares, podendo ser definida como uma época em que aspectos biopsicossociais são transformados, de maneira que o biológico, o psicológico, o social e o cultural são indissociáveis, sendo impossível analisar um independentemente dos outros (Osorio, 1992).

Nos tempos atuais, há uma separação entre adolescência e puberdade, e podemos diferenciá-las através da noção de que a última consiste apenas em mudanças biológicas, sendo marcada essencialmente pela menarca, na menina e pela primeira ejaculação, no menino. Enquanto podemos considerar a puberdade como universalmente semelhante em termos das mudanças físicas e de seu início cronológico (com raríssimas exceções), o mesmo não ocorre com a adolescência, cujo processo é influenciado diretamente pelo ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo se insere. Blos (1996:269) resume essas idéias ao afirmar que “*a puberdade é um ato da natureza, e a adolescência, um ato do homem*”.

Caracterizada por Knobel (1981) como uma “entidade semipatológica”, devido aos momentos de instabilidade, é um período em que o ser humano prepara-se para adquirir não só uma imagem corporal definitiva, mas também uma identidade adulta mais estruturada e estável. O autor postula a existência do que chama de uma “síndrome normal da adolescência”, explicitando que

“o processo de estabilização da personalidade não se consegue sem passar por um certo grau de conduta patológica que, conforme o meu critério, devemos considerar inerente à evolução normal desta etapa da vida” (Knobel, 1981, p.27).

Esta “síndrome” teria como alguns de seus “sintomas” a busca de si mesmo e da identidade, a tendência grupal, a evolução sexual manifesta (do autoerotismo à heterossexualidade genital adulta), a separação progressiva dos pais, as oscilações do humor, entre outras (Knobel, 1981).

Outeiral (2003) divide a adolescência em três etapas, esclarecendo que o início e o fim de cada uma não são precisos, havendo flutuações progressivas e regressivas, especificando ainda que as idades são bastante relativas. A primeira seria a da chamada “adolescência inicial”, que vai dos 10 aos 14 anos, sendo caracterizada essencialmente por transformações corporais e suas conseqüências psíquicas. Em seguida viria a “adolescência média”, entre os 14 e os 17 anos, caracterizada pelas questões relativas à sexualidade, especialmente à passagem da bissexualidade para a heterossexualidade. A última etapa seria a “adolescência final”, entre os 17 e os 20 anos, que consiste no estabelecimento de novos vínculos com os pais, envolvendo ainda a questão profissional, a aceitação de um esquema corporal novo e dos processos psíquicos do “mundo adulto”.

Para que a adolescência possa se iniciar, é necessária a consolidação do período de latência, ainda na vida infantil, que corresponde a uma espécie de preparação do ego para as transformações pulsionais que virão a ocorrer em seguida. Assim, o desenvolvimento das funções do ego levará a uma resistência maior à regressão e desintegração, ou seja, a uma maior capacidade de defender sua integridade de maneira autônoma (Blos, 1992).

Esse fortalecimento do ego vai permitir que o adolescente enfrente uma série de perdas, com conseqüente aquisição de novos referenciais. Aberastury

(1981) postula que, nesta etapa, o indivíduo realiza três lutos fundamentais: pelo corpo infantil, que está se transformando em um corpo adulto; pela identidade e papel infantis, que leva a uma redefinição de responsabilidades e dependências; e pelos pais da infância, em um processo de separação-individuação, que faz com que estes não sejam mais a referência única em termos de valores éticos e morais. Blos (1996) também se refere ao fato de haver um abandono dos pais como única referência para o adolescente, devido à necessidade de diferenciação. Para o autor, na infância, o ego dos pais está disponível para a criança, servindo como uma espécie de extensão de seu próprio, proporcionando segurança para o indivíduo. Já na adolescência, a necessidade de ser independente da família leva ao abandono do apoio do ego parental, o que gera fragilidade e angústia, mas leva a um amadurecimento egóico que possibilita relacionamentos mais adultos.

Em decorrência desses lutos, uma das tarefas do período da adolescência é adquirir uma identidade própria, com parâmetros não necessariamente iguais aos dos pais, mas que são formados pelo próprio indivíduo a partir da reflexão e de suas experiências. No entanto, até que se atinja esse patamar, ocorrerão muitas flutuações e instabilidades, e o adolescente terá momentos de dependência extrema e outros de rompante independência, sendo que a maturidade fará com que se consiga uma espécie de meio-termo entre esses dois pólos (Aberastury, 1981).

Assim, uma das características que se faz presente na adolescência é a chamada “crise de identidade”, sendo “identidade” compreendida segundo a definição de Osorio (1992):

“o conhecimento por parte de cada indivíduo de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado” (p.15).

A formação da identidade seria, assim, uma tarefa do período adolescente, sendo seu sentimento o resultado da combinação entre “o que eu penso que sou”, “o que os outros pensam que sou” e “o que eu penso que os outros pensam que sou”. Para Knobel (1981), a aquisição da identidade consistiria em um sentimento

de continuidade, que integraria as experiências já vividas com as atuais, promovendo uma sensação de ser o mesmo, ontem e hoje.

A adolescência é vista por Blos (1996) como um segundo processo de individuação, sendo o primeiro referente àquele completado ao final do terceiro ano de vida, quando se adquire a constância do objeto. Ambos os processos têm como característica uma vulnerabilidade da organização da personalidade, além de importantes mudanças na estrutura psíquica, que levam a um impulso maturacional. A individuação do adolescente leva às relações objetais adultas, e consiste no desligamento dos objetos primitivos representados pelas figuras parentais infantis, que são substituídas principalmente através de novos vínculos que são formados. Para realizar uma segunda individuação, para tornar-se um membro da sociedade, parte de um mundo adulto, adota uma “nova família”, buscando novos referenciais com os quais se identifica, além de obter estímulo, companhia, lealdade, e sentimento de pertencer a um grupo, que permite, ainda, a experimentação em termos de relações de objeto. Pensar, vestir, freqüentar locais ou falar de maneira diferente à familiar é muitas vezes um meio encontrado pelo adolescente para manter sua integridade psicológica em uma fase ameaçadora do processo de individuação, de maneira que o grupo de iguais fornece o apoio antes proporcionado pelos pais.

Concordando com Blos, Osorio (1992) postula a adolescência como uma reedição do processo de separação-individuação postulado por Mahler (1982), podendo ser considerada como uma continuação do mesmo. Desta forma, é essencial que o jovem tenha internalizado como positivas tanto suas primeiras relações com a mãe, consideradas a base dos futuros vínculos, como a posterior relação com o pai, base do superego. Assim, na fase adolescente, o indivíduo tem que se diferenciar, criando um “eu”, separado de um “não-eu”, criando novos tipos de relação com os pais e com o mundo em geral, o que geraria ansiedades frente à ameaça de perda do que restou dos vínculos primitivos da infância. Essa angústia levaria a uma tentativa de manutenção de um estado de fusão original, através da busca de substitutos dos objetos antigos, o que se mostra através da identificação maciça com ídolos, além da presença da idealização nas relações de amizade ou amorosas. Para Blos (1996), a idealização de pessoas famosas funciona como um substituto para os pais da infância, considerados como

perfeitos e inatingíveis. Esses ídolos, no entanto, possuem um caráter transitório, tornando-se ultrapassados conforme a libido objetal se envolva em relacionamentos verdadeiros.

Assim, o sujeito tentará buscar a sua própria identidade a partir da identificação com uma multiplicidade de figuras, configurando o que Knobel (1981) denominou “identidades transitórias”, ou seja, identificações parciais e passageiras que confundem o adulto, já que o adolescente parece ser pessoas diferentes de acordo com momentos distintos. Para Blos (1996), o envolvimento do adolescente com grupos, muitas vezes transitórios, aponta para a busca de obter afeto, mais do que o desejo de uma relação objetal em si. Como perdeu o que antes era proporcionado pelos pais, agora o indivíduo deve buscar manter-se ligado à realidade, sendo ativo, freqüentando lugares, relacionando-se com diferentes pessoas. Este impulso para fora reflete ainda um esforço frente à ameaça da perda da integridade do ego, permanente durante o período da adolescência.

A tendência à uniformização, muito observável em pessoas desta faixa etária, é também uma forma de proporcionar algum tipo de segurança, em um momento de angustiante instabilidade e indefinição, sendo uma transição necessária para que se atinja a individualização. No entanto, ao mesmo tempo em que há um impulso para a simbiotização, há outro de diferenciação, que leva o adolescente a buscar sua própria identidade, o que se manifesta expressivamente através da oposição em relação às idéias e concepções defendidas pelos pais.

O desligamento dos objetos infantis leva a uma instabilidade, que é em parte suprida pelo mecanismo de volta da libido para o próprio ego adolescente, com conseqüente sentimento de onipotência, observado pela supervalorização dos poderes do corpo e da mente. No entanto, esse engrandecimento do ego oculta o seu oposto, ou seja, o sentimento de inexistência e desespero, correspondentes ao estado de desamparo decorrente da perda do objeto (Blos, 1996).

Para que a adolescência se desenvolva e se complete, é necessário que exista o chamado “conflito de gerações”, responsável pela reestruturação psíquica do adolescente. Se na infância a criança precisa da família para estabelecer relações objetais e originar instâncias psíquicas, na adolescência, é necessário que haja uma contestação de todos os seus referenciais, para que ocorra uma diferenciação, indispensável para que se passe à idade adulta. Assim, as

dependências infantis são substituídas pelo envolvimento com grupos de iguais, e, conseqüentemente, por identificações com novas idéias, valores e ambições, que o jovem busca fora de sua família. Deve vestir-se, falar, freqüentar locais e gostar de certas coisas diferentes do que costumava quando criança. A partir da contestação dos referenciais antigos, instaura-se o conflito interno, que não pode ocorrer sem ansiedade, em que valores e idéias opostas se chocam, e o adolescente tende a adotar posições radicalmente contrárias às de sua família, como um modo de evitar a fusão com a mesma. Atos rebeldes ou de independência podem ser vistos, na adolescência, não necessariamente como sinais de maturidade, mas como tentativas desesperadas de romper com a dependência (op.cit.).

Frente ao “conflito de gerações”, muitos adultos tendem a admirar os mais jovens, com suas idéias “revolucionárias” e seu modo “diferente” de se comportar, se vestir, etc., agindo como os mesmos, na ânsia de evitar o sentimento de envelhecimento. Assim, muitos pais buscam mostrar compreensão com seus filhos, mesmo diante de coisas que lhes pareçam absurdas, atendendo, em alguns casos, a pedidos exorbitantes e atos de rebeldia. O que o jovem deseja, no entanto, é, ao contrário dessa essa compreensão e permissividade, que limites lhes sejam impostos, que possam verdadeiramente se opor, pois pensar igual aos pais representa o risco de não se diferenciarem, não formando uma identidade própria.

A adolescência é a única etapa da vida em que a regressão do ego e do impulso fazem parte do desenvolvimento normal, não sendo necessariamente um mecanismo de defesa, possuindo um importante papel para o amadurecimento. Isto acontece porque o desligamento dos vínculos objetivos primitivos promove um reencontro com as posições pulsionais e egóicas infantis, porém agora o indivíduo é capaz de criar soluções diferentes das antigas, tendo um caráter mais duradouro e adequado à idade. Assim, resíduos de conflitos e fixações infantis podem ser revividos e modificados através dos novos recursos que o ego possui na adolescência. O processo de desligamento, desta forma, implica em uma regressão, que gera a ansiedade devido a um relativo perigo para a integridade do ego, que é protegido por sua parte auto-observadora, ligada à realidade, que impede o retorno a um estado de indiferenciação primitiva. Podemos, assim, diferenciar uma regressão esperada, aquela que opera a serviço do desenvolvimento, de uma outra, que atua como um mecanismo de defesa, que pode promover fixações e paralizações. A primeira, no entanto, pode levar a

estados indiferenciados de fusão, caso o ego seja demasiadamente frágil, como consequência de uma organização inicial insuficiente (Blos, 1996).

A fase adolescente é marcada pela necessidade de adaptação a um novo corpo, que vai aos poucos tornando-se conhecido, havendo uma reformulação no esquema corporal, que é a representação psíquica que o indivíduo tem de seus aspectos físicos. O adolescente assiste passivamente às mudanças corporais, por um lado muito desejadas, mas, por outro, muito temidas, que podem ser vividas de maneira persecutória, maníaca ou fóbica. No primeiro caso, o corpo torna-se o depositário de ansiedades paranóides ou confusionais, enquanto, no segundo, nega-se onipotentemente a dor psíquica adjacente, e, no terceiro, evita-se a simples menção às mudanças corporais. Em certos momentos, o adolescente regride, recolhendo-se em seu mundo interno, como uma busca por evitar a ansiedade causada por estas transformações, e passa a pensar de maneira concreta e temporariamente sem capacidade de abstração. Frente à ansiedade quanto à impotência em relação às modificações que o corpo vai sofrendo, muitas vezes surgem transtornos como a obesidade, bulimia e anorexia nervosa, que podem ser vistas como tentativas de controle, como se as mudanças fossem provocadas, assim, pelo próprio indivíduo.

Nesse momento, o grupo é essencial como fator de comparação para o adolescente, sendo que pode haver a aceitação ou rejeição de alguém pelo fato de não corresponder à idealização dos demais. As roupas, nesse caso, podem ser consideradas como parte do corpo, colaborando para a composição da identidade. Assim, roupas unissex podem ser indicativas do conflito relacionado à aceitação da perda da bissexualidade, da mesma forma que a dificuldade por substituir roupas sujas por limpas podem revelar dificuldades em aceitar as mudanças corporais.

Para que o jovem adquira a percepção de um esquema corporal mais ou menos definitivo, é essencial que o luto pelo corpo infantil tenha sido elaborado de maneira satisfatória. No entanto, até que isso ocorra, as transformações biológicas levam a um estranhamento e insatisfação com seus atributos físicos, o que contribui para um sentimento de despersonalização, que até certo ponto não se caracteriza como patológica. Outeiral (2003), no entanto, afirma que a relação do adolescente com seu corpo pode indicar o quanto saudável ele é, sendo, portanto, também um indicativo da presença de patologias.

É na adolescência que o processo de “independentização” do indivíduo, que se inicia ainda na infância, começa a se fazer de forma mais marcante, sendo que seu “desfecho” ocorrerá na idade adulta. A espécie humana nasce em absoluto desamparo, necessitando do outro para sua sobrevivência por um tempo prolongado, se compararmos com outros animais, até que se adquira a capacidade de viver de uma maneira independente. No entanto, não podemos atingir um estado de independência absoluta, no que se refere a aspectos emocionais, de maneira que a “independentização” da adolescência consiste em uma transformação nos vínculos infantis de relacionamento, e não em uma ruptura concreta com a família (Outeiral, 2003).

É importante ressaltar que as funções dos pais nas relações com o adolescente devem sofrer mudanças, já que agora não são mais a única referência para os filhos, sendo necessário que também realizem o luto pela perda da dependência infantil dos mesmos e elaborem o sentimento de rejeição causado por sua maior independência. Esse processo não pode ocorrer sem algum grau de sofrimento, tanto por parte dos pais, como do adolescente, que irá desvalorizar seus genitores, como forma de facilitar a separação. Assim, os pais sairão de uma espécie de “pedestal”, referente à idealização infantil por parte dos filhos, para uma posição inferior, sendo que o adolescente considera-se agora o detentor de todo o saber. Para Knobel (1981), os pais devem ser “espectadores ativos” das transformações do filho, acolhendo-o nos momentos de extrema dependência e permitindo uma independência moderada, adaptando-se a essa variação como a mãe se adapta a um bebê recém-nascido. Todo o grupo familiar se altera quando um de seus membros torna-se adolescente, já que manifestam-se os elementos próprios dessa idade contidos nos genitores. Dentre os vários sentimentos despertados pela adolescência em nossa cultura, um deles é a inveja, por parte dos mais velhos, por tudo aquilo que o jovem pode e é capaz de fazer.

A sexualidade é um elemento essencial para a adolescência, contribuindo para a estruturação da identidade, sendo que as transformações corporais que ocorrem nesta época fazem com que o indivíduo perca seu status de criança e ganhe um novo. Ocorre uma espécie de reedição do Complexo de Édipo, porém agora com características diferentes, já que o adolescente é capaz de realizar seus impulsos, o que lhe traz ansiedade e a conseqüente renúncia aos impulsos edípicos, através da desistência das figuras parentais como objetos amorosos,

possível devido ao uso de enérgicos mecanismos de defesa. A consolidação dos desejos incestuosos seria, para Knobel (1981), um impedimento no processo de individualização, já que um vínculo genital precoce seria mantido, e não haveria a necessidade da definição sexual real. Deve-se, assim, buscar um objeto exogâmico, e, como defesa frente à angústia causada por esta mudança, é comum a utilização da rejeição a tudo o que venha dos pais, considerados ultrapassados, antigos, sendo suas idéias desvalorizadas. Essa “aversão” às idéias dos pais se deve também à necessidade de buscar novos referenciais fora da família, funcionando como uma defesa contra a ansiedade frente à separação e ao luto pelas partes infantis.

A menarca, na menina, e o aparecimento do sêmen, no menino, fazem com que se exija uma definição quanto ao papel sexual que o adolescente terá, tanto no que diz respeito à união com um parceiro, como também na procriação. Nesta fase, a fantasia onipotente de bissexualidade deve ser abandonada, a partir da ferida narcísica da percepção de que, para gerar um filho, é necessária a união com uma outra pessoa, do sexo oposto. No entanto, a atividade masturbatória pode, muitas vezes, ser utilizada como uma forma de negar inexistência da bissexualidade, além de ter também um caráter exploratório de conhecimento do próprio corpo. Há, ainda, pessoas que parecem relutar em assumir essa incompletude, mantendo-se narcisicamente à espera de um “príncipe” ou “princesa”, alguém ideal, que na realidade não passa de uma projeção narcisista do próprio indivíduo. Nas palavras de Outeiral (2003), é necessário, para o amadurecimento, que abandonemos a idéia do “príncipe” ou “princesa”, e aceitemos o “sapo”, ou seja, alguém possível e existente, imperfeito como nós.

Todo adolescente passa pela ansiedade homossexual, o que não significa que tenha optado por uma relação deste tipo. Assim, muitas vezes interessam-se por indivíduos do mesmo sexo, não com uma perspectiva de terem relações amorosas com os mesmos, mas para tê-los como modelos de identificação. No entanto, nem sempre isso é compreendido dessa forma pelo próprio adolescente, que assusta-se ao pensar que esse “interesse” o torna homossexual. O surgimento, neste período, de aspectos masculinos na menina, e femininos no rapaz pode, ainda, ser visto como uma tentativa transitória de recuperar a bissexualidade.

A escolha de um parceiro amoroso é algo que geralmente ocorre na adolescência, sendo seu papel marcante e essencial. Outeiral (2003) faz uma

distinção entre a paixão e o amor, afirmando que a primeira consiste em um sentimento intenso, que distorce a percepção objetiva e transforma a visão do outro, que é preenchido por projeções narcísicas, podendo ou não resultar no amor, que seria uma relação mais real com o objeto, desenvolvendo-se de forma gradual, incluindo o respeito pelo outro e a tolerância por suas imperfeições. Para o autor, a escolha do objeto amoroso na adolescência tem, em geral, mais características de paixão do que de amor, especialmente por seu caráter de idealização.

Os relacionamentos amorosos na adolescência constituem uma forma de “ensaio” para a vida adulta, já que as experiências vividas podem ser vistas como maneiras de testar a capacidade do indivíduo de se relacionar e mesmo como um tipo de aprendizagem: *“eles aprendem a se voltar para o mundo que os rodeia, em um processo de exterioridade, buscando saber quem são e aprendendo a escolher o que querem”* (Silva, 2002) . Desta forma, é possível que um mesmo jovem viva períodos de amor apaixonado com extremo romantismo e, em outros momentos, deseje relacionamentos esporádicos e superficiais. O sexo também pode ser utilizado como uma forma de testar as capacidades, o que é mais evidente nos meninos, cuja “potência” sexual é extremamente valorizada. Assim, a primeira experiência sexual pode ser vivida tanto dentro de um contexto de relacionamento amoroso, como com parceiros que o indivíduo pouco conhece. A vida amorosa dos adolescentes está, portanto, inserida em um contexto global de busca pela aquisição de uma identidade.

É difícil precisar quando ocorre o final da adolescência, mas Osorio (1992) postula que este se dá com o estabelecimento de uma identidade sexual e da possibilidade de relacionamento afetivo estável, com a capacidade de ter uma profissão e uma independência econômica, com a aquisição de uma moral própria e quando se dá uma relação de reciprocidade com a geração anterior. De maneira semelhante, Outeiral (2003) afirma que o final da adolescência poderia ser caracterizado pelo estabelecimento de uma identidade estável, por uma aceitação da sexualidade, com a consolidação do papel sexual adulto, pela independência dos pais e pela escolha profissional. Para Blos (1996), o final da adolescência é marcado pela diminuição gradual das oscilações de humor, sendo um relativo equilíbrio adquirido, além da menor exposição das emoções do jovem ao público, já que, ao buscar compreender a si mesmo, não necessita que seja sempre

compreendido pelo outro. Surge, ainda, um plano de vida calcado na realidade, importante como uma projeção de si para o futuro, mesmo quando as circunstâncias não oferecem muitas escolhas ou opções. Blos postula quatro critérios para o estabelecimento do término da adolescência, sendo eles inter-relacionados, compondo um processo total. Estes correspondem ao sucesso referente ao processo da segunda individuação, ao sentimento de continuidade egóica entre o passado e o presente, ao uso de traumas residuais infantis como organizadores para a personalidade adulta, e à aquisição de uma identidade sexual.